ANO I — N.º 2 — 29 DE MAIO DE 1941 — PREÇO: 1 ESCUDO

Vida Mundial Ilustrada

SEMANÁRIO GRÁFICO DE ACTUALIDADES

O sr. capitão Santos Costa, subsecretário de Estado da Guerra, passa revista a mais um contingente de tropas que, há dias, saíu de Lisboa para reforçar a guarnição militar dos Açores. Desta vez, foi um contingente de engenharia que embarcou para aquêle arquipélago no «Carvalho Araújo».

Redacção e Administração: Rua Garrett, 80, 2.º Lisboa Telefone 25844

Vida Mundial Ilustrada

JOSÉ CANDIDO GODINHO
Director

JOAQUIM PEDROSA MARTINS
Editor e Proprietário

FINS DE MAIO

SURGIU finalmente a Primavera, uma estação caprichosa e perigosa, como tudo quanto é feminino, e cujo aparecimento se desejava e se temia, ao mesmo tempo, por êsse Mundo — tão necessitados de calor e de luz andávamos todos nós e tão falada fôra essa quadra do ano como qualificativo de ofensiva bélica.

Na realidade, apareceu, a mêdo, adiada várias vezes como as «premières» teatrais, por necessidade de «afinação da montagem». Mas sempre veio — como era natural — para inundar de beleza tudo quanto vive e dar alegria a todos, que sofrem.

Nesta época costuma subir a temperatura. Todos nós sabemos que é assim, que tem sido sempre, que não há razão nenhuma para deixar de o ser. Mas há pessoas maldizentes que, nesta terra feliz onde até os acontecimentos escasseiam, se costumam aproveitar do caso para se insurgir contra êsse facto tão natural.

E já ante-ontem, uma senhora, desesperada por já não poder continuar a exibir o seu bolero de pele, comprado recentemente, nos disse com aquele exagêro que é próprio das «pessoas bem»: «Ai! Nunca esteve tanto calor nêste tempo! Que massada!».

Daqui a dias, o côro das lamentações subirá. E todos, com um ar muito convicto, exclamaremos: «Realmente, há muitos anos que não há tanto calor! Não se pode viver assim!». Seis meses depois, a gente diz, com a mesma certeza: «Há muitos anos que não há tanto frio! Não se pode viver assim!».

Parece-nos isto uma grave injustiça. Com o devido respeito pela opinião alheia, temos a impressão de que foi sempre assim e que não há motivo para dizer mal da obra do Criador. De verão, há sempre calor; de inverno, há sempre frio. Para que andará a gente a «fazer-se de novas»?

As estações do ano são até um dos raros exemplos, nêste Mundo, da aceitação dos compromissos tomados, do respeito pela palavra dada.

Todos conhecem a história de certo Lord inglês que era — como não podia deixar de ser — um verdadeiro «gentleman» e se vestia com a maior elegância e sempre de acôrdo com o tempo que fazia: em Dezembro, grande sobretudo de gola de peles e galochas; em Junho, fato claro e flôr na lapela.

Ora, num dia de Maio — que costumava ser de flores, mas que, por acaso, era de chuva — o Lord regressou a casa com o seu belo fato claro todo molhado. O criado estranhou que o amo tivesse saido em «corpinho bem feito» com tal dia. Mas êle explicou:

— Dize-me cá. Estamos ou não estamos em fins de Maio?

— Estamos, sim senhor.

— Costuma ou não costuma ser a Primavera uma estação de bom tempo?

— Costuma, sim senhor.

— Pois aí está! Eu sou fiel às tradições. Cumpro sempre a minha obrigação. O tempo que cumpra a dêle!

F. T.

CONDIÇÕES DE ASSINATURA
Continente e Ilhas: 3 meses (12 números) — 11$00; 6 meses (24 números) — 22$00; 12 meses (48 números) — 43$00. — **África:** 12 meses (48 números) — 60$00.
Estrangeiro c/convenção — 12 meses (48 números) — 65$00.
Estrangeiro s/convenção — 12 meses (48 números) — 80$00.

COMPOSTO E IMPRESSO nas Oficinas Gráficas Bertrand (Irmãos), L.da — Travessa da Condessa do Rio, 27 — Lisboa.

DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS Em Portugal e Colónias: Agência Internacional, Rua de S. Nicolau, 19, 2.° — Telef. 2 6942 — Lisboa

Visado pela Comissão de Censura

PANORAMA INTERNACIONAL

Do Iraque a Washington, por Vichy

de Francisco Velloso

A semana que finda transformou o panorama da guerra no Mediterrâneo e pode até modificar todo o dispositivo do tabuleiro onde se joga nesta época histórica o destino do mundo.

Bastou a intervenção de um factor novo para ilaquear a Inglaterra. Como se notificara de Berlim, o escândalo do caso Hess já transitou para os domínios do desinterêsse público, ficando à espera de que revelações dos bastidores de um *complot* o iluminem em recessos cujo mistério, no entanto, já deve ter sido desvendado pelos serviços secretos inglêses, mistério sôbre o qual talvez paire um dos mofinos sorrisos de Adolfo Hitler. A velocidade dos acontecimentos deixou-o já para trás.

Mal se aquietou, quási sùbitamente, a fervura dos espantos que circundaram a alta figura do amigo intimo do Führer ao descer na Alta Escócia, em local escolhido, logo o ronco dos aviões alemãis que pousavam em escala nos aeródromos franceses da Síria, veio acordar empolgantemente as atenções.

Sabe-se como o plano de guerra alemão é executado de relógio à vista e por movimentos oportunos e sinérgicos. Nunca houve máquina bélica tão perfeita e irresistível. O velho aforismo «na guerra como na guerra» é compreendido admiràvelmente na Alemanha como uma regra integral. Assim como no conjunto do exército, as acções das armas (e nestas já se incluía a propaganda) sinèrgicamente convergem ao mesmo alvo do ataque com o poder temeroso de irrupção que subjugou a Europa, assim no total dos meios de fazer guerra com vantagem, a diplomacia, a organização económica e a propaganda operam, em coordenação com as armas, como corpos de exército sob um comando único e central.

Diante do bloco germânico um inimigo disperso por linhas exteriores está em manifesta condição de inferioridade e em risco de ter de obedecer sempre à iniciativa do seu adversário.

Vimo-lo bem na condução da campanha balcânica. A acção habilíssima de Von Papen equivaleu à de Von Litz, o chefe das divisões blindadas que arruinaram a heróica resistência helénica, escassamente coberta por 60 mil inglêses. Churchill disse, com razão confitente, que o plano britânico estava cheio de erros. Entre reforçar em ofensiva profunda (depois da derrota de Graziani na Líbia) a corajosa e vitoriosa réplica dos gregos na Albânia para ganhar em contacto directo com as massas populares sérvias, um ascendente nos Balcãs, e a defesa de Suez, a Inglaterra preferiu o Canal.

A Alemanha aproveitou desta preferência e concluiu de jacto a campanha, ocupando, com a cooperação da Itália, a península, e colocando-se em posição de dominadora pressão sôbre a Turquia.

Quando Wawell conseguia em Tobruk a tôda a pressa retardar o assalto de Rommel ao Egipto, as influências germano-italianas, mediante a revolta e mudança de govêrno no Iraque, criavam já à Inglaterra o perigo de ser atingida nas estradas terrestres para o Indico. Hitler abria de novo a guerra onde desejava e lhe convinha, sem num só momento abrir mão da sua iniciativa.

O CASO DA SÍRIA

PÉTAIN

A revolta iraquiana fôra de comêço um episódio localizado que a aviação e colunas de tropas poderiam jugular. Assim o viu a Inglaterra. Quando, porém, as formações aéreas alemãs desceram em Rayak e em Palmira, ela pôde verificar o novo êrro do seu cálculo. As negociações do almirante Darlan em Paris e seguidamente a sua conferência histórica com Hitler em Berchtesgarden, haviam sido conduzidas a tempo pelo Führer com o fim evidente de rasgar perspectivas à ofensiva do Reich no Levante e no Próximo Oriente, e de criar o *casus belli* que definitivamente separaria a França da sua aliada de ontem. Êsse objectivo foi claramente conseguido. No dia 18, a Inglaterra, através de uma informação saída do agrupamento de De Gaulle, anunciava que abundante material de guerra havia sido mandado pelo general francês Dentz, comandante dos restos do antigo exército de Weygand, para o exército do Iraque e para os voluntários que de vários pontos acudiam por êle.

A França — e é escusado pronunciar-se mais a designação restritiva de França de Vichy — recebe de novo Paris como capital, a ampliação da zona livre, o deslaçamento dos rigores fiscais que vedavam a parte ocupada da não ocupada, a libertação de prisioneiros, a intercolaboração industrial com a Alemanha, e, ao que parece, a segurança dos seus extensos domínios coloniais e da sua categoria como grande potência na hipótese da vitória do Reich e dentro da Nova Ordem que êle preconisa. Em troca, facilita a Hitler as suas bases e outros elementos para a prosecução da sua guerra contra a Grã-Bretanha, primeiro na Síria, como vemos, depois onde fôr possível, como veremos. O marechal Pétain, embora sem concretamente dizer tudo, apelou para que os franceses aceitem o novo estado de coisas, que é, afinal, o único objectivo da política que se tem seguido dia por dia desde a capitulação e o armistício. E é de crer que seja ouvido.

AS RESSACAS DE UM DEBATE

WEYGAND

Tôdas as esperanças que até hoje se alimentaram em Londres e em Washington de uma resistência pela inércia e pelo sofrimento, da França à conquista alemã; todos os cálculos de que nessa posição a França viria a constituir, como tem constituído, um encargo entorpecedor e desgastante para o seu vencedor, — vão a caminho de esvaecer-se. E o cenário do Mediterrâneo transformou-se.

Os efeitos repercutidos desta transformação não demoraram. Do lado britânico, anteviu-se imediatamente uma rutura de relações, aludindo-se a tratar o território não ocupado como terra inimiga e declarando-se que os aeródromos da Síria seriam atacados sem descanso. Roosevelt, ordenando o aprisionamento dos navios franceses surtos em portos americanos ou vogando nos mares, manifestou aos jornalistas clientes da Casa Branca a sua reprovação e assombro ante uma colaboração franco-alemã e em comunicação oficial, fêz advertir pùblicamente a França de que tem de escolher entre a amizade dos Estados Unidos e a da Alemanha. Mas a escolha parece estar feita. A todos os actos de represália — extensivos à ocupação das ilhas no mar das Antilhas, — Vichy retorquia fero, recordando a Washington que em 1940, Roosevelt não acudira ao supremo apêlo de Reynaud e que a França tem o direito de pactuar com o vencedor as condições para a organização da Europa Continental. A extensão dêsse pacto não dava, no entanto, ilusões aos Estados Unidos onde o senador Lee afrontava o perigo de Dakar ser tomado como base do contra-bloqueio alemão no Atlântico e das rotas para o Indico.

A 17, as recriminatórias azedavam-se. «Quando foi que a Inglaterra pensou no interêsse da França?» — preguntava a Rádio Francesa em resposta à de Londres ti-

(Conclui na pág. 16)

SOLDADOS PORTUGUESES continuam a seguir para vários pontos do Império onde a sua presença se torna necessária para afirmação da nossa soberania. Damos, em cima, dois aspectos do último embarque de tropas para os Açôres.

OS ALUNOS FINALISTAS DA FACULDADE DE LETRAS solenizaram, na semana passada, a sua próxima saída daquêle estabelecimento de ensino, efectuando, num ambiente de grande alegria e franca camaradagem — como se vê na foto que reproduzimos em baixo — a tradicional cerimónia da «Queima das Fitas».

O INSTITUTO DOS PUPILOS DO EXÉRCITO comemorou o 30.° aniversário da sua fundação. O Chefe do Estado assistiu à festa, acompanhado dos srs. ministros da Educação Nacional e da Marinha, do chefe do gabinete do Ministério da Guerra, que representava o sr. dr. Oliveira Salazar, e do subsecretário da mesma mesma pasta, além de muitas outras entidades oficiais. Foi inaugurada uma exposição de trabalhos escolares, fizeram-se exercícios de carácter militar e procedeu-se à distribuição de trinta prémios aos alunos. Na foto, vê-se o sr. Presidente da República com o sr. Ministro da Marinha e outras categorizadas individualidades examinando a carabina dum dos alunos.

Reportagem Gráfica da Semana

A FEIRA DO LIVRO instalou-se mais uma vez na Avenida da Liberdade, interessando vivamente o público. Ao acto inaugural presidiu o sr. General Carmona, que se vê na foto, acompanhado do sr. Ministro da Educação Nacional, do sr. António Maria Pereira, presidente do Grémio dos Livreiros e Editores, e de outras entidades, passando em frente ao «stand» da Feira onde se encontram expostas as novas edições «Cosmos».

EUROPA-AMÉRICA

Via Lisboa

QUEM DA EUROPA QUERE IR PARA A AMÉRICA, nêstes tempos de incertezas e paixões que abrasam um continente, tem que fazer escala por Lisboa — pôrto de abrigo e cidade de sossêgo. E aproveita-se a ocasião para gozar uns momentos de tranqüilidade, distender os nervos e olhar, sem receio, o céu azul onde só voam andorinhas.

LONGA FILA DE AUTOMÓVEIS permanece à porta da Legação dos Estados Unidos da América — uma das portas de Lisboa onde agora entra mais gente durante o dia. Lá dentro, na faina dos «vistos», a azáfama é grande.

AS CRIANÇAS PRECISAM DE CALOR E CARINHO. O Parque Eduardo VII é um encanto para a petizada estrangeira. E, em manhãs de Primavera, é uma delícia vê-los a saltar, contentes, com os seus pequeninos companheiros portuguêses. Os que não podem ainda correr, como êste, batem as palmas, radiantes, saùdando o seu amigo Sol.

FINALMENTE, CHEGA O DIA DA PARTIDA. Sai-se daqui com emoção. Não é só deixar atrás de si a Europa — é também deixar Lisboa, deixar Portugal, que lhes deu, em hora difícil, e num sorriso, motivos de coragem e beleza.

GOOD-BYE! BOA SORTE! E nestas duas expressões se encerra todo um mundo de esperanças e de sonhos. Que a Europa seja terra fértil, e venturosa, e calma, quando êles, os que partem agora com saùdades, voltarem a ela — via Lisboa.

Figuras do momento internacional
OLIVEIRA SALAZAR

REFORMADOR DUM PAÍS, figura de grande evidência na vida internacional, Salazar tem conseguido impôr Portugal à admiração do Mundo. Na Europa congestionada por uma guerra, a sua obra é apontada como um exemplo a seguir por todos os estadistas que queiram dar bem-estar aos seus povos. O seu sorriso é confiante. Os portugueses confiam também na sua política. (Foto Diniz Salgado)

calçada da glória...

O FIM DO MUNDO

ENTÃO dizem para aí que vai acabar o mundo — contaram uma vez deante do conhecidíssimo Seabra, dono da quinta da Princesa.

— Há de me importar muito! — exclamou o nosso homem — Se acabar o mundo, safo-me para Alenquer...

GAZES

DOIS sujeitos de certa idade entraram numa livraria e um deles, dirigindo-se ao empregado, preguntou:

— Tem, por acaso, um livro que saíu agora sôbre os gazes de Nelson?...

— Um volume de Nelson de Barros, não é? *Gazes Hilariantes*...

— Creio que sim...

E, enquanto o empregado foi buscar o livro, um dos sujeitos interrogou o outro:

— Mas ouve lá: no tempo de Nelson já havia gazes?

— Ora, meu velho — retorquiu-lhe êle — Gazes houve-os sempre...

VOCABULÁRIOS

INFAME! Biltre! — gritava a mulher do escritor a tôda a visinhança que a queria ouvir. — Lançar-me no rôsto tôdas as palavras exquisitas e duvidosas!

— Como? Como foi isso? — quizeram saber.

— Atirou-me à cara com o novo vocabulário da Academia!

FIALHO

UMA vez em Vila de Frades, certo lavrador foi propôr ao autor da *Lisboa Galante* a constituïção de uma sociedade — nada mais, nada menos do que destinada à abertura de uma taberna.

— Está dito. — respondeu Fialho — Vamos a meias. Tu dás o vinho...

— E o sr. Fialho entra com o capital, não é?

— Não, não. Eu entro com a água...

ÚLTIMAS DISPOSIÇÕES

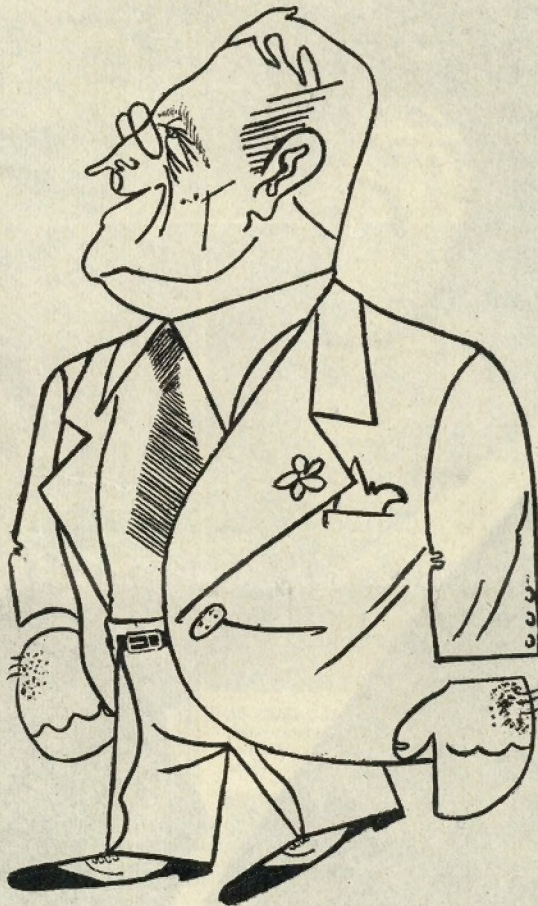
RECORTO do testamento do sr. Joaquim José Cardoso Neves, aprovado em Lisboa em 18 de Novembro de 1898, perante o notário João António Machado Júnior, estas significativas disposições: — «O meu entêrro será feito o mais modestamente possível. Tenham os meus amigos paciência de eu ter morrido, de os ter deixado. Adeus. Passem por cá muito bem, que eu passei por onde melhor pude passar e para passar como passei, passei o que, confesso, não esperava passar».

TEÓFILO BRAGA, PROFETA

HÁ 35 anos, em amena conversa com um amigo seu, jornalista conhecido, o ilustre autor da *História da Poesia Popular*, afirmou-lhe:

— O Atlantico é nosso e a necessidade de que sejamos autónomos para não pertencermos mais a êstes do que àqueles, e a nossa situação de potência neutra, salva-nos. Nenhum pais grande consentirá que outro nos empolgue, porque todos nos desejam neutros. À sombra dessa neutralidade e servidos por homens novos, poderemos preparar em tranqüilidade o futuro e crear ainda um grande império colonial...

Pois não é exacto que vale a pena recordar estas palavras desconhecidas?

O SENHOR DA CASA BRANCA

Um dia alguém, familiar da Casa Branca, disse a Roosevelt:

— Siga o seu programa, senhor presidente, que a América está a seu lado.

Roosevelt abanou ligeiramente a cabeça, compôs as lunetas no seu gesto habitual e retorquiu, no mais «yankee» dos sorrisos:

— Há um pequeno equívoco da sua parte, meu amigo. Não é a América que está a meu lado: eu é que estou ao lado da América...

Há frases que valem tratados de psicologia. Esta é uma delas. Em meia dúzia de palavras, o presidente dos Estados Unidos permitiu-se oferecer, não apenas aos seus partidários, mas aos seus próprios adversários, a chave de todo o seu sistema político. Quando tantos supõem que a orientação de Roosevelt é um produto exclusivo da sua personalidade forte e voluntariosa, parece afinal que essa orientação não passa dum simples reflexo dos interêsses americanos. Êsse homem arguto, penetrante, inteligentíssimo, de face clara abrindo num sorriso largo, verdadeiro optimista da tragédia, espécie de «globetrotter» da política internacional que désse tôdas as manhãs a volta ao mundo numa cadeira giratória, é hoje, incontestàvelmente, uma das grandes figuras do Universo. Se ainda fôsse necessário demonstrá-lo, teríamos para tanto as mais decisivas de tôdas as provas: as fotografias. Roosevelt é, sem dúvida, um dos homens mais retratados da terra. Retratados — e caricaturados. A sua expressão tornou-se popular — como o seu espírito e o seu jaquetão. Reeleito pela terceira vez presidente da República — é o mais democrático dos imperadores; chefe duma família numerosa — é o mais americano dos patriarcas bíblicos. Admiram-no — mesmo aqueles que o detestam. Não hesitariam em abrir-lhe os braços — as próprias nações que fingem bater-lhe o pé. Os ingleses chamam-lhe Roosewell; os franceses Roosevolta-se; os japoneses Russovelt... Mais do que um grande homem, é o dicionário das seis línguas! Está dito tudo.

UM DRAMA

PEDRO Germano Sottomayor que, há dias, tomou posse do cargo de director da Alfândega de Lisboa, andava uma vez em visita de inspecção aos postos alfandegários fronteiriços. Certa noite teve de ficar numa humilde estalagem, sem qualquer espécie de comodidade. Deitou-se e, passado pouco tempo, sentiu numa perna qualquer coisa estranha; acendeu a luz: era um percevejo. Não hesitou; tomou uma resolução heróica — e caçou a fera. Depois, deitou-se novamente. Meia hora passada acordou, porém, em sobressalto. Voltou a acender a luz. Sete, oito, dez percevejos caminhavam pela cama, como carros de assalto. Levantou-se, num repelão, gritou pelo dono da estalagem, exprobou-lhe aquela porcaria.

— V. Ex.ª desculpe, senhor Inspector — justificou-se o homem — mas é sempre assim: quando se mata um percevejo, aparecem depois sete ou oito — para assistir ao entêrro...

DINHEIRO

SILVA Bastos — primeiro prémio de poesia de muitos jogos florais — afirmava, há pouco, à mesa dum «café».

— Nada me aborrece tanto como o dinheiro!

— Porquê? — interrogaram-no.

— Porque tenho pouco!

BRITO CAMACHO

TODOS sabem que Brito Camacho não se preocupava com a sua *toilette*. Um exemplo: durante mais de dez anos usou o mesmo chapéu de palha. Um dia, em pleno Parlamento, Alberto Moura Pinto permitiu-se notar ao chefe do unionismo que aquele chapéu de palha, que o tempo vergastara, não se harmonizava com a categoria social da pessoa que o trazia.

— Você fala bem, Moura Pinto! — retorquiu Camacho — Lembre-se disto: se eu trouxesse um chapéu de palha novo, já mo tinham comido...

CLÍNICA

TODOS sabem também que Camacho exerceu clínica. Certa ocasião, chamado para ver um doente, receitou-lhe determinada droga para tomar às colheres.

— E quantas colheres por dia, senhor doutor? — preguntou o enfêrmo.

Logo Brito Camacho:

— Uma, o máximo!

O REI A CAVALO

QUANDO em novembro último foi revelada ao público a estátua que Francisco Franco ergueu, no mármore da imortalidade, representando D. João IV sôbre um famoso corcel, alguém preguntou ao escultor para onde ia o Rei, a cavalo.

A resposta não se fêz esperar:

— Sua Magestade vai para Vila Viçosa...

Luiz d'Oliveira Guimarães

Tropas alemãs na África do Norte

A ALEMANHA COMBATE NO DESERTO. Na região da África Setentrional, entre Tobruk e Sollum, as fôrças motorizadas do general Rommel exerce pressão contínua sôbre as guarnições inglesas.

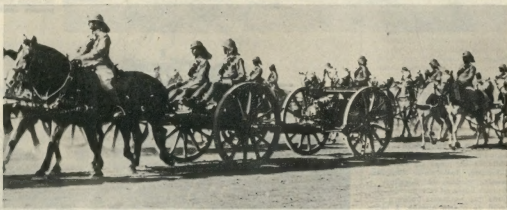
À DIREITA: Um canhão pesado alemão das fôrças do corpo africano do Reich é pôsto em posição, para martelar as posições britânicas na fronteira do Egipto.

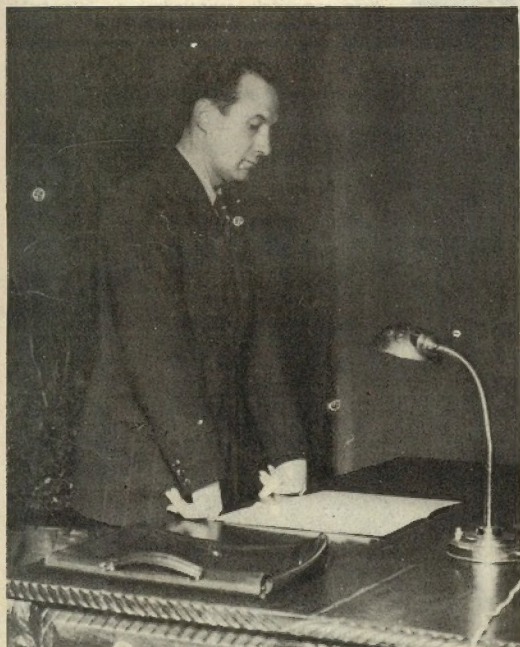
EM BAIXO, À ESQUERDA — Pelas estradas mandadas construir pelos italianos ao longo do litoral da Cirenaica, deslocam-se continuamente, vindas de Benghasi e doutras bases da rectaguarda, viaturas que conduzem tropas e material de guerra alemão. À beira da estrada, vê-se um «tank» inglês inutilizado num recente assalto.

EM BAIXO, À DIREITA: Para facilitar a progressão dos elementos motorizados germânicos e impedir a acção dos bombardeiros e «caças» da R. A. F., cavam-se nas areias desérticas «ninhos» de defesa anti-aérea. Vemos aqui, em acção, uma peça ligeira da D.C.A.

BAGDAD
Capital do IRAQUE

IRAQUE, O PAÍS DO PETRÓLEO E DAS PAIXÕES, está, de novo, em evidência. Bagdad, sua capital — terra de maravilhas, cenário dos contos das «mil e uma noites» — sofre as agruras da incerteza perante a iminência duma nova ocupação. Gente de tôdas as raças volta a degladiar-se no seu solo. Em baixo: uma fôrça de artelharia inglesa desloca-se no deserto iraquiano.

À ESQUERDA: Um soldado árabe. **EM CIMA:** Bagdad nas margens do Tigre.

VISTA AÉREA DE BAGDAD, com os seus palácios e santuários — dos mais lindos de todo o Mundo.

actualidades do PÔRTO

O SR. DR. ALBERTO DE SOUSA, assistente-desenhador da Faculdade de Medicina do Pôrto, antigo bolseiro da Junta de Educação Nacional em Paris e Londres, e professor da Escola Faria Guimarães, expôs recentemente os seus trabalhos na capital do Norte (em cima). O PROF. DR. HUBERT BEUVE MÉRY pronunciou há dias uma conferência no Instituto Francês (à esquerda). O SR. PROF. TOMAZ DIAS prestou, na Faculdade de Engenharia da Universidade do Pôrto e perante uma selecta assistência, solene homenagem à memória de quatro antigos e distintos professores daquêle estabelecimento de ensino — engenheiros general Roberto Rodrigues Mendes, Couto dos Santos, Manuel Pereira Viana e Casimiro Jerónimo de Faria — cujos retratos foram ali também descerrados.

O GRÉMIO PORTUGUÊS DE FOTOGRAFIA instalou no Pôrto uma delegação que efectua reüniões periódicas para apresentação de fotografias sob temas anteriormente escolhidos. Na última reüniõo foram apresentadas fotos do monumento «O Homem do Leme», da Foz do Douro, comentadas pelo escultor Américo Gomes, autor daquêle monumento, que fêz uma prelecção alusiva.

O PROF. MENDES CORREIA, presidente da Câmara Municipal do Pôrto, acompanhado de outras entidades oficiais, preside à inauguração da «Feira do Livro» no Pôrto.

Vida Portuguesa

O SR. PRESIDENTE DO CONSELHO E O EMBAIXADOR DE ESPANHA, D. Nicolau Franco, assinaram, há dias, no Palácio das Necessidades, quatro acôrdos negociados entre Portugal e Espanha, no decurso dos últimos mêses. Dizem respeito êstes acôrdos às facilidades concedidas a navios espanhóis em portos portugueses e à abolição, pela Espanha, de determinadas sobretaxas sôbre mercadorias; à liquidação de créditos comerciais congelados; ao intercâmbio comercial entre os dois países; e à gratuitidade dos vistos consulares em passaportes.

NO ESTÚDIO DO SECRETARIADO DA PROPAGANDA NACIONAL, inaugurou-se uma curiosa exposição — a primeira de Arte Cenográfica e de Figurinos que se efectua entre nós e onde, a par dos grandes cenógrafos antigos, aparecem interessantes obras dos nossos melhores profissionais e artistas modernos. À inauguração assistiu o sr. dr. Lopes de Almeida, subsecretário de Estado da Educação Nacional, que se vê em cima, à direita, com o sr. António Ferro, ilustre director do Secretariado.

A ACADEMIA DOS CIÊNCIAS DE LISBOA, na sua última sessão, prestou homenagem a algumas grandes figuras do Brasil e resolveu prover com individualidades brasileiras as seis vagas de académicos correspondentes existentes actualmente. Na reünião da classe de Letras, os srs. drs. Lino Neto e Cordeiro Ramos, que se vêem em cima, à esquerda, leram também interessantes comunicações à Academia.

O SR. DR. LUIZ DE OLIVEIRA GUIMARÃES, nosso distinto colaborador, efectuou há dias, no Ateneu Comercial, uma conferência sôbre a figura do grande humorista português André Brun. Na foto, em baixo, à direita, vê-se o conferente, com a escritora sr.ª D. Alice Ogando, que recitou alguns versos, e o comediógrafo João Bastos.

O SR. MINISTRO DA GRÉCIA reüniu, há dias, nos salas da legação daquêle país, alguns jornalistas portugueses, a quem ofereceu um «Porto de honra».

A SR.ª D. ALICE OEIRAS, que se vê na foto a conversar com o sr. Presidente da República, efectuou na Casa das Beiras com a presença do Chefe do Estado e de alguns ministros, um magnífico serão de poesia portuguesa, recitando com inteligência, elegância e admirável dicção versos dos melhores poetas de Portugal e do Brasil.

OS JOGOS FLORAIS DA EMISSORA NACIONAL inauguraram-se com dois brilhantes saraus efectuados na Sociedade Nacional de Belas Artes. Os principais prémios foram atribuídos a Silva Bastos (Rosa de prata), Armando Vieira Pinto (Violeta de prata), Eurico Tomaz de Lima, do Pôrto (Papoula de ouro), Noel de Arriaga (Cravo de prata), Francisco José de Sousa Tavares (Perpétua de prata), Jaime Lúcio (Malmequer de ouro), Carlos Sombrio (conto), Júlio Almada (Cravo de ouro) e Miguel Trigueiros (Amaranto de ouro).

O JARDIM ZOOLÓGICO DE LISBOA vai inaugurar mais alguns importantes melhoramentos que, há dias, foram visitados por jornalistas e outros convidados. Graças à acção dos seus directores, aquêle parque pode colocar-se hoje ao nível dos melhores jardins europeus do género. Agora, novas e lindas instalações vão surgir nos jardins privativos do Palácio do Conde de Farrobo, que o Ministério das Colónias confiou à guarda dos dirigentes do «Zoo». O velho largo que se vê na foto, à esquerda, vai ser adaptado a piscina. Aos convidados foi oferecido um «Pôrto de honra», durante o qual falou o sr. prof. dr. Fernando Emídio da Silva (à direita).

Sem dúvida é uma fotografia feita com película
Super Panchro C. S. S.

"ferrania„

J. C. ALVAREZ, L.DA

TUDO PARA FOTOGRAFIA E CINEMA

205, RUA AUGUSTA, 207—LISBOA

Confie o seu bem-estar e a sua saúde a um chá que tem dado largas provas da sua eficácia e completa inocuïdade. Vita-Sana Ferba, merece tôda a sua confiança.

As azias estomacais, o ácido úrico, o sangue sujo, as tonturas, vertigens, zumbidos, padecimentos, dores, erupções, comichões, prisão de ventre e muitas outras moléstias desagradáveis, não resistem a um tratamento de Ferba, o novo e óptimo chá Vita-Sana. Não tem dieta nem restrições.

Antes de se deitar, de manhã, em jejum, se pode depois das refeições beba uma chávena de chá VITA-SANA **FERBA**, o novo específico, puramente vegetal. O chá VITA-SANA **FERBA** é um remédio inofensivo. O seu paladar é comparável ao do mais fino chá das Índias. Um pacote de 5$00 contém 20 chávenas. Exija porém **FERBA**, o pacote quadrado — a nossa nova embalagem.

Reumáticos, artríticos, hepáticos, nervosos, doentes dos rins, da bexiga, da pele, sifilíticos, etc., etc., o chá VITA-SANA **FERBA** é uma bebida sem igual.

VITA-SANA **FERBA**, composto de plantas escolhidas, vela pelo vosso bem-estar.

Depósito: FARMÁCIA INTERNACIONAL, LDA.
RUA DO OURO, 228-230 — LISBOA

Se não encontrar esta especialidade na sua terra, peça-a, por um simples bilhete postal, à Farmácia Internacional que a mandará sem acréscimo de despesa.

O MAL DOS DENTES

tem origem nos micróbios e na IGNORANCIA DOS MEIOS DE OS COMBATER

PARGIL
(PARA USAR EM BOCHECHOS)

Não é um elixir, não se confunde com os elixires e dispensa todos os elixires

NÉO-PARGIL
(PARA USAR COM A ESCOVA)

Não é uma pasta nem creme dentífrico e dispensa tôdas essas vulgaridades

A prática duma higiene severa e duma terapêutica apropriada dos orgãos da bôca está imediatamente indicada com o uso do **Pargil** e do **Néo-Pargil**, dois produtos de emprêgo diferente mas que se completam, criados por um cientista notável, o Prof. Dr. Luís Blas e Alvarez, Catedrático da Universidade de Madrid.

Só especialidades farmacêuticas do valor terapêutico do **Pargil**, o grande antiséptico para usar em bochechos, excepcionalmente imunizante e microbicida, que evita a cárie, elimina a pedra, trata e evita a piorreia; e do **Néo-Pargil**, que se usa com a escôva e limpa rigorosamente os dentes de todos os detritos e resíduos alimentares, em base igualmente antiséptica, imunizante e microbicida, só êstes dois produtos medicinais, dum explêndido sabôr, preparados por uma técnica delicadíssima, conservam as gengivas e os dentes sãos e eliminam o mau hálito proveniente dos orgãos da bôca.

Não existem elixires nem pastas nem cremes dentífricos que, de longe ou de perto, possam dar iguais resultados. Afirmar o contrário e dizer que tais vulgaridades «matam micróbios» ou que constituem a saúde dos dentes e das gengivas é faltar conscientemente à verdade.

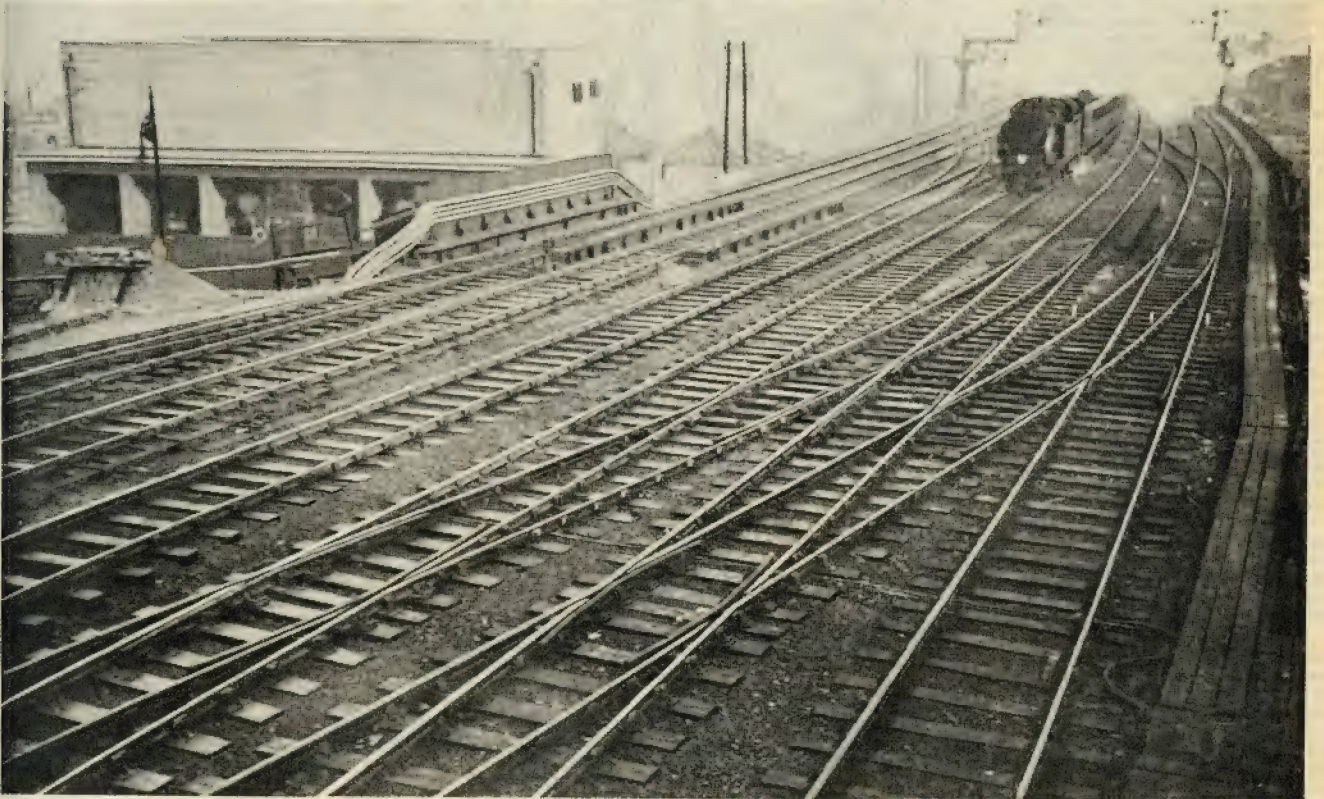
AVISO: Não há pasta de PARGIL nem de Néo-PARGIL. Ao comprar, peça-se sòmente PARGIL ou Néo-PARGIL

Vende-se nas Farmácias e Drogarias, nas seguintes embalagens:

CAIXA-MIXTA, contendo PARGIL para dois litros e Néo-PARGIL para usar 30 a 40 vezes, **12$00**. Carteira pequena de PARGIL para um litro, **3$00**. Carteira grande de PARGIL para três litros, **7$50**. Nova caixa de PARGIL, com pó para oito litros, **16$00**. Caixa (azul) de Néo-PARGIL, para 180 a 200 vezes, **16$00**.

Tubo de Néo-Pargil, 6$20

Agentes em LISBOA: Jose Bento Costa, L.da — R. Arco do Bandeira, 136, 1.º

CERTA MANHÃ DE NEVOEIRO... Durante um «raid» da aviação alemã sôbre Londres, uma bomba de grande potência explodiu, com fragor, sôbre a vasta rêde de linhas ferroviárias da estação da capital e do Nordeste. O efeito destruidor foi terrível. Os «rails» saltaram, desfeitos, numa grande extensão. As traves voaram, feitas em estilhaços. O buraco aberto no chão apresentava um grande diâmetro. Imediatamente chamada, uma brigada de operários, auxiliada por populares, pôs mãos à obra. A tarefa era difícil e, certamente, demorada. Mas a coragem, a boa vontade e a perseverança dos trabalhadores conseguiram vencer o que se afirmava, pouco antes, quási impossível. Uma hábil deslocação de terras repôs a superfície do terreno ao nível normal. Novas traves assentes no chão sustentaram «rails» novos colocados ali com o auxílio de máquinas e aparelhos especiais. As inclinações e desvios foram rectificados. Isto fizeram, com rapidez e desprêzo pela vida, algumas dezenas de operários, enquanto no ar voavam ainda aparelhos inimigos e era de esperar, dum momento para o outro, novos ataques de bombardeiros...

... QUATRO HORAS DEPOIS tudo fôra reposto no seu devido lugar. O «raid» inimigo terminára. E, como se nada houvesse acontecido, a estação de Londres e de Nordeste voltava ao seu aspecto normal. O primeiro combóio passava... Estava assegurado o trânsito, graças à coragem e ao brio profissional dos trabalhadores e à organização dos serviços de defesa passiva da capital.

HUMORISMO

Entrada no Eden

por Armando Ferreira

QUANDO o pai chegou da caça, as recriminações da mãe, em sua linguagem típica, sôbre a conduta esquisita do filho degenerado não pararam: —¡É a nossa vergonha! ¡Vieram aí os pequenos do vizinho desafiá-lo para irem apanhar «nautilus» à borda do rio e êle fugiu para a mata, que ninguém mais lhe pôs a vista em cima!

O pai, para demonstrar o seu furor, deu uma saraivada de sôcos no peito, abriu a boca, mostrou os dentes num urro de desolação e, dum salto para o ramo do lado, pós-se de cabeça para baixo, balouçado pelos pés, posição em que costumava meditar nas contrariedades da vida. O ninho daquele casal, — feliz durante centos de anos, e que, apenas, a degenerescência do filho preocupava havia algum tempo — era no cimo de ciclópica árvore, como tantas da maravilhosa floresta virgem. Era um caso sério, caso de descrédito para a própria raça, aquele exemplar de dimensões reduzidas, com regiões do corpo onde os pêlos desapareciam numa calvície original e feia. Um velho e filosófico gorila, amigo do pai, bastante viajado e que costumava narrar aventuras fantásticas, passadas com «ichtyosaurus» e «megatherius» nas suas digressões por terras longínquas, e se gabava, até, de já ter visto um «mamute» sem que tal bicho lhe metesse mêdo, examinara o fenómeno, por detrás e por diante, e acabara por dizer aos pais:

— Está enfezado, realmente; com o tempo, talvez se faça um gorilão.

Mas, o tempo foi passando; o Sol doirou, muitos dias, as ramarias frondosas; a Lua banhou de claridade as clareiras e as lagoas silenciosas; as chuvas escorreram, durante meses, por fora das cavernas onde se abrigavam, tristonhos e pensativos, os chimpanzés e gorilas, sem poderem fazer exercício nem ir à caça; e o jovem degenerado nem passava dos duzentos quilos de pêso, nem crescia mais que um metro e oitenta. As omoplatas eram esbranquiçadas como as palmas da mão e as barrigas das pernas não tinham pêlos. Aqueles bocados de carne clara, à vista de todos, eram o que mais espantava pais e parentes. E, depois, tinha uns gostos depravados. Com mêdo, talvez, de partir os dentes, não gostava de nozes com casca, o aperitivo mais apreciado pelos seus. Boquinha de prata, só queria frutas; e, certa vez, fôra vítima duma assoada de um grupo de chimpanzés do seu tempo, quando o viram pôr à bôca os cocos abertos com um sôco e semi-cerrar os olhos piscos ao beber aquela água leitosa. Era um degenerado.

Ùltimamente, já ninguém o convidava para ir à caça dos «rhynchocéphalus», nem para as patuscadas nocturnas junto dos lagos, em que havia limules ao natural, o melhor crustáceo dos tempos pre-históricos. O pai, quando êle chegava de seus passeios solitários, saltava-lhe, dos ramos altos, para cima do arcaboiço menos curvado do que o natural e mordia-lhe o pescoço, rebolava com êle em cima dos fetos, para o estimular à luta e à bravura. O degenerado não gostava daqueles mimos; desenvencilhava-se o melhor que podia e ia refugiar-se num tronco mais alto, isolado e triste, a olhar a Lua. Ninguém o suspeitava, mas estava apaixonado...

* * *

Não muito longe da selva doméstica, certa vez em que andava em passeata saltadora, de ramo para ramo, pendura aqui com um pé, agarra acolá com a mão, fazendo dos troncos débeis trapézios para novos vôos, escondido dos seus semelhantes que o troçavam e evitando os grandes monstros que o comeriam, descobriu que a sua miséria física, a sua inferioridade corpórea, vergonha da sua família e raça, não era única. Foi como um clarão de esperança na sua vida sem futuro nem sossêgo.

Passava êle, na vagabundice pela floresta, quando ouviu guinchos aterradores, restolho de fôlhas pelo ar, galhos partidos. Avançou, cautelosamente, com as costas das mãos, afastando as grandes fôlhas dos fetos arbóreos, até que viu um gorila, empunhando grosso tronco nodoso, a zurzir a companheira. Ela chorava e guinchava, suplicava e bufava aos saltos e pulos.

— ¡Desvergonhada! ¡Enganaste-me, com certeza! ¡Escusas de estar com macaquices! ¡Essa porcaria não é minha filha! ¡Não é da nossa raça! ¡Anda! ¡Confessa!

Foi então que êle viu, encolhida, trémula, à entrada do ninho do casal, uma colega, ainda menos peluda do que êle, corpo ser côr, o focinho deslavado, minguada na estatura e nos ombros, minguada nos braços, como os dele, que mal chegavam a meio das pernas, um monstrozinho, tão vítima já do desprêzo e da dúvida paterna como êle próprio. Vê-la e amá-la, foi obra da desventura comum. Esperou, paciente, que o pai fôsse roncar para o ninho e a mãi catá-lo—para aparecer à beldade. Ela assustou-se, à primeira vista, mas, em breve tempo, haviam descoberto que a sua pouca sorte era idêntica.

—¡Estou farta disto! ¡É uma ralação, de manhã até à noite! ¿Que culpa tenho eu de não ter o peito todo coberto dessa caruma saùdável e não ter jeito para me pendurar pelos pés?

— ¡Os velhos são estúpidos e egoístas! ¡Não compreendem a beleza e a perfeição das formas! ¡São muito antigos!

— ¡Minha mãe quere que eu vá, de dia, arrancar raízes para a ceia!

— ¡Meu pai quere que eu ande por vales e montes à caça dos «rhamphorhynchos»¡

— Gosto de ouvir os rugidos dos vulcões, debaixo da terra...

— E eu gosto de olhar para o Sol, até vê-lo desaparecer por um buraco que há para aquelas bandas...

— Deve ser bom ir ver outras terras...

E resolveram fugir na noite seguinte.

* * *

Havia luar. As grandes aves nocturnas, espécies de morcegos gigantescos, deitavam suas sombras sôbre a floresta. Êle seguia à frente, agitando hercúleo tronco; ela ia-lhe no encalço, em saltinhos ridículos. Andaram tôda a noite, aproximaram-se dum rio que os deslumbrou com os reflexos de prata do luzeiro que, no céu, lhes iluminava o caminho. Não paravam, nem para devorar algum fruto que encontravam à mão. O seu desejo era afastarem-se, o mais possível, dos seus, recolherem-se onde não pudessem ser alvo da troça de ninguém. E foram andando, andando...

No segundo dia, junto ao rio, ela viu uma enorme massa de mais de vinte metros de comprido e alta como penedo. Parou, receosa, e apontou-lhe o obstáculo:

— É um «dinosaurus». Vai tomar banho.

Esperaram instantes e não demorou que as vinte e cinco toneladas do bicho, a arrastar-se lentamente, entrassem na água e levantassem ondas para todos os lados.

— Vamos mais depressa — disse ela, agarrando-se-lhe ao braço.

Anoiteceu, de novo, e êles caminhavam sempre, evitando a floresta virgem, as cavernas e furnas onde poderiam encontrar alguns exemplares da sua raça que os apoucassem ou obrigassem a voltar para a família. Até que, ao fim de algumas luas, como a floresta começasse a ficar mais rala e já o Sol podia entrar pelas ramarias, resolveram deixar o rio, no sítio em que êle se dividia em quatro canais, e dirigiram seus passos para terra. Pouco depois, a paisagem mudou. As árvores eram pequenas, mas com frutos; dupla vantagem, porque não podiam abrigar em seus troncos quaisquer famílias de gorilas que os hostilizassem e porque lhes forneciam comida com muitas vitaminas. Então, ela que já tinha os pés com bolhas, lembrou.

— ¿E se ficássemos por aqui? O sítio parece-me sossegado e bem fornecido.

— Sou da tua opinião. Vou dormir um bocado e tu deita-te, também, que a estafadeira foi grande. ¡Mas, toma cuidado com as serpentes; parece-me que vi uma debaixo dessa macieira!

Ficaram por ali, onde casaram, foram felizes e tiveram muitos filhos e filhas. Mais tarde, a Humanidade começou a chamar-lhes: Adão e Eva.

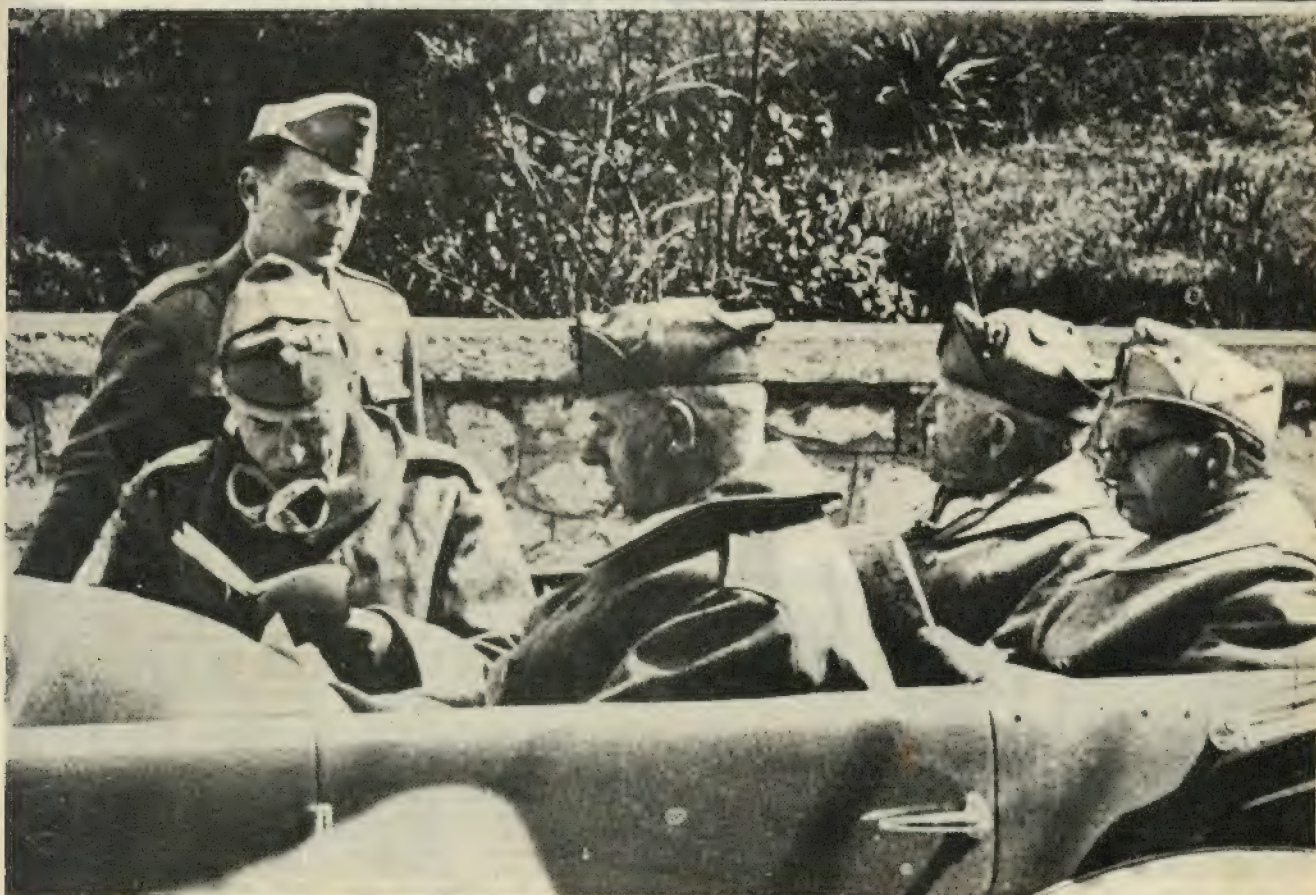
* * *

NOTA — As figuras e os locais dêste conto são absolutamente fictícios. Se alguma pessoa, mais orgulhosa da sua ascendência, julgar ver nêles quaisquer semelhanças com personagens suas conhecidas ou cenas da vida real, a culpa não pode ser atribuida ao autor.

Mais tarde, chamaram-lhe Adão e Eva...

A ITÁLIA NA CAMPANHA DOS BALCÃS

COM A COROAÇÃO DO DUQUE DE SPOLETO, termina pràticamente a campanha oriental para a Itália. Em cima, vemos o príncipe herdeiro de Piemonte presidindo a uma cerimónia solene e piedosa: a distribuïção de medalhas às viúvas e aos órfãos dos soldados italianos mortos na guerra contra a Grécia.

A BANDEIRA ITALIANA TREMULA NA DALMÁCIA. À direita, a foto mostra-nos um aspecto do desfile duma companhia motorizada em Ragusa durante uma parada das tropas de ocupação.

O REI-IMPERADOR VITOR MANUEL II visitou recentemente a frente oriental inspeccionando os campos de batalha e as tropas italianas ali destacadas. Na foto, vemos o soberano, de automóvel, com o seu Estado Maior, conversando com um oficial.

A DEFESA DAS COSTAS INGLÊSAS obriga a um esfôrço de permanente vigília. Em Dover, as peças de artelharia de longo alcance, montadas em carris de ferro, estão permanentemente a postos para responder, num terrível duelo, às que se encontravam no litoral francês, do outro lado do canal da Mancha.

OS CRUZADORES PODEROSOS DA «HOME FLEET», por seu lado, encarregam-se do policiamento das costas atlânticas, com os seus canhões poderosos.

PANORAMA INTERNACIONAL

por Francisco Velloso

(Continuação da página dois)

rando do fundo do carcaz as velhas acusações que se formularam após a rendição. Do gabinete de Darlan afirmava-se que «a França confia na palavra de Hitler», mas que o pacto com a Alemanha não envolvia cooperação militar...

O general gaulista Catroux dirigiu-se à Síria pretendendo obter a adesão dos restos das tropas suas compatriotas à causa britânica, mas não mais se ouviu falar dêle. Ao contrário, o general Dentz, em suas funções de Alto Comissário no Levante, asseverava a 19 em Beirute que responderia à fôrça com a fôrça, — à fôrça inglêsa entenda se, porque se referia sòmente aos ataques da Real Fôrça Aérea.

Daqui é lícito verificar uma distanciação mais profunda entre a França, e a Inglaterra-Estados Unidos. O debate não se agravara ao findar da semana com manifestações de declarado rompimento, mas não pode passar despercebido que, de uma passividade relativa, a atitude francesa transverteu se para um pacto definitivo com a Alemanha cujos resultados imediatos apareceram claros na Síria e muito mais além.

DESTINO DE PRÍNCIPES

D. SPOLETO

Até onde tais acontecimentos vão projectar-se — eis o que nos reserva o final da primavera. A luta por Suez está apenas em seus pródromos. Creta, Chipre e Malta são agora os gonzos da protecção do Canal onde, desde a fronteira egípcia ocidental e desde a Transjordânia, as fôrças de Wawell têm de estabelecer as resistências. Mas a primeira dessas ilhas está directamente ameaçada de um assalto que, bem sucedido, arrancaria à Inglaterra preciosa base, depois de no Iraque já ver em risco sério, pela falta da refinaria de Tripoli, os abastecimentos de petróleo. Tropas alemãs descem nas margens do Mar Negro para o sul, fazendo aumentar a pressão diplomática que Von Papen está exercendo sôbre Ankara até a reduzir à colaboração com o Eixo, o que quebraria as portas que vedam ainda às colunas blindadas do Reich os acessos livres dos ninhos inglêses da Ásia.

Neste comenos, e em tôrno de dois factos singulares, dois príncipes da Casa de Sabóia assumiram relêvo histórico: — o duque de Aosta rendendo se em Amba-Alagi, fazendo terminar a Campanha da Abissínia entre saúdações ao Duce, como os bravos gladiadores ao tombarem nas arenas do Coliseu; — o duque de Spoleto ascendendo ao novo reino da Croácia, pela mão de um dos chefes da conspiração que assassinou há anos em Marselha o rei Alexandre da Jugoslávia, primeira criação política dum mapa balcânico em cujo desenho antecipado Mussolini vai buscar, a poucos dias de celebrar um aniversário do império colonial, hoje reduzido à Líbia e à Cirenaica, a compensação da entrada do Négus em Adis-Abeba.

A SOMBRA DE NELSON

CORDELL HULL

Dada a situação altamente crítica que foi criada à Inglaterra por sua culpa, preguntou-se ansiosamente em Londres se os Estados Unidos entrariam agora em combate (pois declaração de guerra não é precisa) tomando uma atitude que talvez há seis meses houvesse influído benèficamente na situação britânica.

De Washington, mòrmente sob a comoções de decisão da França, vieram palavras de Roosevelt, a 16, desafiando a Alemanha a estabelecer o bloqueio do Mar Vermelho onde o pavilhão norte-americano já flutua ao vento quente do deserto, e defendendo a liberdade dos mares, princípio êste que dois dias depois repetia, quando Cordell Hull reclamou a união dos americanos perante o anúncio de um congresso que no dia 30 reünirá os isolacionistas contra a guerra. Knox, no dia seguinte, insistia no armamento naval, o mais rápido possível. A 19, Wickard, secretário da Agricultura, clamava no Kansas:

«Os recentes acontecimentos provam que os alemãis procuram levar por diante o seu propósito de formar uma coligação de nações para nos atacar. A resposta dos Estados Unidos deve ser a única que a Alemanha compreende e respeita: a fôrça das armas.»

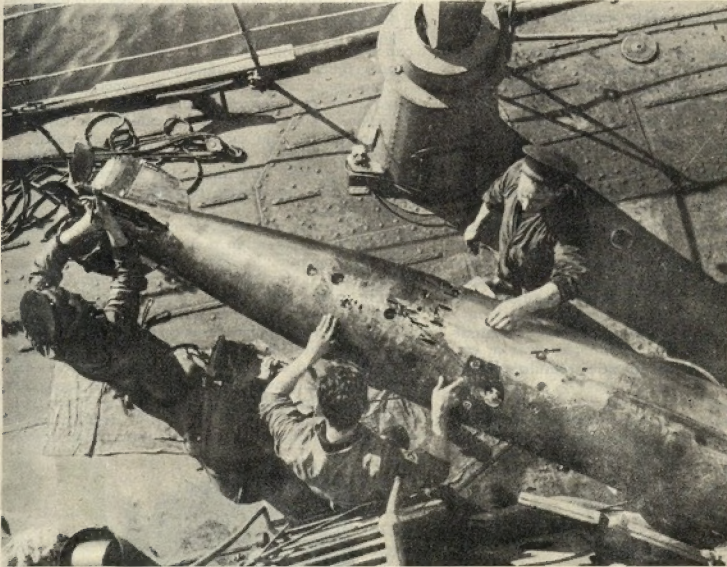
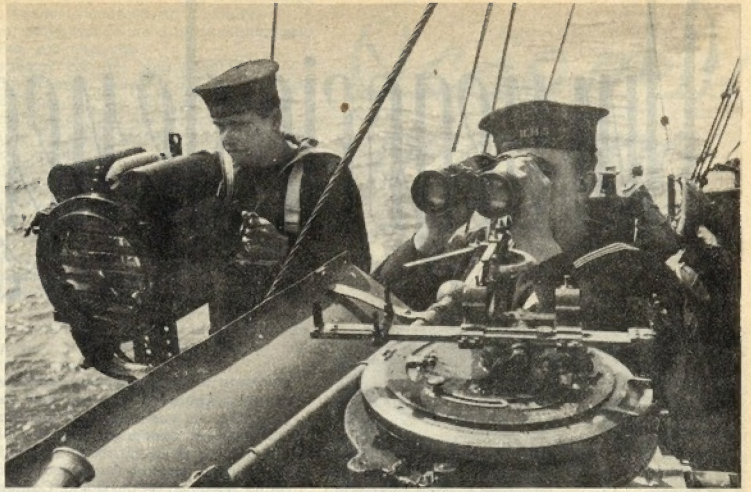
Mas a esfinge norte-americana não abriu os olhos. E a interrogação britânica continua suspensa através do Atlântico onde o afundamento dos navios de abastecimento não cessa.

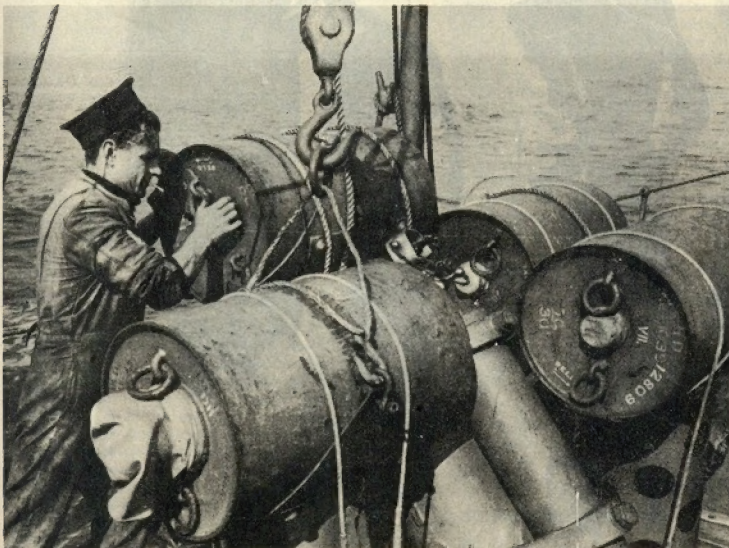
Num opúsculo da denominada propaganda inglêsa, recentemente distribuído pelos serviços da Universidade de Oxford, e da autoria de Clarke, lê-se: «No ar, as fôrças britânicas mostram-se tècnicamente superiores às alemãs, mas são lhe ainda inferiores em número. O poder da Inglaterra no ar e no mar bastou para repelir o invasor; mas a totalidade das fôrças do Império Britânico é, porém, manifestamente insuficiente para, no futuro imediato, se aventurar a ofensivas de grande envergadura no continente europeu. Esta situação pode evidentemente conduzir a perigos ou, por outras palavras, à vitória nazi».

O bloqueio seria, segundo o autor, o supremo recurso. Mas o bloqueio depende dos Estados Unidos. A responsabilidade de Roosevelt é maior que a de Churchill.

Só um acto ofensivo vitorioso, só o gesto de Trafalgar pode valer à Inglaterra. Mas Nelson é hoje uma memória ilustre, sepulta sob as arcarias góticas da Catedral de Westminster, açoitada pelas bombas das esquadras aéreas do Reich.

Combóios Marítimos

O «COMBÓIO» SEGUE JÁ NO ALTO MAR. Mas é preciso protegê-lo, para que a carga chegue a seu destino e as vidas sejam poupadas à voragem da guerra. Os navios mercantes seguem em fila. Comanda-os, possivelmente, algum velho almirante já reformado, homem acostumado às lides do mar. Mas um contra-torpedeiro acaba de tomar contacto com êle. E, agora, é ao seu comandante que compete dar ordens. Transmite-as por um megafone eléctrico, mas, como os navios, em geral, vão longe, utilizam-se os sinais luminosos.

OS MARINHEIROS PREPARAM-SE PARA TÔDAS AS EVENTUALIDADES, a bordo do contratorpedeiro. Os torpedos são acondicionados e afinados. É trabalho de monta que tem de ser feito com tôdas as cautelas. Mas os tripulantes do barco protector são homens experimentados. A artelharia é limpa e carregada. Fazem-se cálculos e marcam-se posições. O contra-torpedeiro fica a certa distância da longa fila de navios mercantes. E nunca se perde o contacto. Mas as precauções e os preparativos não ficam por aqui. A bordo do barco de guerra, tôda a gente trabalha com afã, sob as ordens dos oficiais de cada secção.

AS METRALHADORAS ANTI-AÉREAS são cuidadosamente lubrificadas tôdas as manhãs. As balas estão ao lado, serpenteando na fita do carregador. A D. C. A. é preciosa para a protecção dos navios de carga e há que tê-la sempre afinada e a postos.

AS CARGAS SUBMARINAS, de grande poder explosivo, são aconchegadas no convés para que saltem bem quando chegar a altura de serem atiradas ao mar. Os telefones retinem para dar as últimas ordens. Agora, está tudo pronto. O inimigo que se acautele...

...OS TRIPULANTES DOS NAVIOS MERCANTES PODEM AGORA DESCANSAR, CONFIANTES. O contra-torpedeiro velará por êles, pelas suas vidas e pela vida daquêles que, lá longe, esperam o carregamento dos seus barcos. Na linha do horizonte, nada se avista... (Fotos «Britanova»).

Um negócio de pegar ou largar

POR MÁRIO DOMINGUES

HEGUEI, por momentos, a duvidar do que os meus próprios olhos viam. Aquele não me parecia o Viegas, o Artur Viegas, que uns dois escassos meses antes, eu vira passar, todo repimpado no seu automóvel de luxo, a transpirar felicidade, altivez e abastança. E, no entanto, era bem êle, que ali estava na minha presença, no recanto obscuro daquele «café» barato.

Mas que me quereria o Viegas, com aqueles seus ares misteriosos e sombrios? Éramos, por essa data, quási dois estranhos — dois estranhos que tinham conhecido, noutros tempos, dois garotos que se agatanhavam ou confraternizavam, consoante a natureza dos seus folguedos infantis. Queria falar-me em particular, e, enquanto não se decidia às suas confidências, olhava-me demoradamente e em silêncio, evocando talvez um estudante de calções curtos, um pouco cábula, encarapinhado e negrusco, que colaborava com outro estudantinho louro, de grenha rebelde ao penteado, em algumas partidas que ficaram famosas entre a rapaziada do tempo. E eu, fitando-o, durante aquele fugaz instante de hesitação e de silêncio, entrevi, esfumadamente, um outro Viegas bem diferente do que me olhava, um Viegas franzino, mexido, metediço, um «Fuinha», como lhe chamávamos então, que puxava a rabona ao prefeito e atirava ao teto bolas de papel mastigado, que ficavam coladas, lá em cima, com um boneco de almaço a pairar de braços abertos, prêso por uma linha ténue.

Nunca mais convivêramos, desde que saí da escola. A vida separou-nos inexoràvelmente. Passámos a encontrar-nos mais tarde, com intervalos de anos, sempre de fugida, muito apressados ambos. Caracterizava o nosso encontro um cumprimento rápido: «Tás tu?» E pouco mais. «Vais para baixo?» — inquiria. «Sim, vou para baixo». Nunca me podia acompanhar. Ia sempre para cima.

Que fêz êle durante estes vinte e tantos anos, depois de nos separarmos à porta da escola? Sei lá! Ia para cima. Parecia-me um homem triunfante, daqueles a quem tudo obedece. Não sei explicar como se arreigou no meu espírito esta impressão. Talvez por que as suas maneiras — marcha segura, fronte altiva, viseira carregada, pérola na gravata, rictus de energia feroz na face clara e nos olhos metálicos — denunciassem nêle um dominador de massas, um lutador de cifras ou um perturbador de Bolsas.

Mas tudo isto eram suposições, porque, na verdade, eu mal conhecia o Viegas. Quem eu conhecera, em tempos, era um fedelho que dava pela alcunha da «Fuinha». Mesmo aquêle Artur Viegas, que ali me chamara, ao recanto sombrio de um «café» modesto, era já um terceiro Viegas com quem acabava de travar conhecimento. Nem de longe lembrava o rapazinho louro e franzino que, na cêrca da escola, cavalgava um imaginário cavalo dos «pampas», nem se assemelhava sequer ao Viegas imponente que, poucos mêses antes, eu vira descer do seu carro à porta da «Marques», na companhia de uma mulher embuçada num casaco de peles tão caro, que chegava e sobrava para agazalhar dezenas de miseráveis. Não, o Viegas, que se encontrava na minha presença, era um vencido. Em dois meses, envelhecera vinte anos. Estava corcovado. Seus olhos claros, outrora tão vivos, agora receosos e tímidos, mal luziam no fundo das órbitas; sua mão, onde, aliás, brilhava uma jóia de preço, era trémula e hesitante e o seu cabelo — aquela grenha loura e rebelde da infância — não passava de um pèlozito ralo e esbranquiçado, a denunciar a vèlhice precoce de um homem muito vivido.

Ali estávamos, os dois condiscípulos, entreolhando-se com mal dissimulada estranheza, sem que outro laço nos ligasse senão uma esfumada recordação. E acudia-me à mente uma pregunta cheia de curiosidade:

— Que me quererá o Viegas?

O Viegas queria desabafar. Não tentei sequer perceber os motivos por que, neste vasto mundo, por onde êle deambulava feliz e esquecido de mim, merecera a sua preferência para depositário do seu segrêdo. Aguardei ansiosamente que me falasse, e êle falou, em voz baça, mal distinta.

— Sou um homem perdido...

E ficou a olhar-me, com as pupilas esverdeadas muito fixas. Preguntei aos meus botões se não estaria na presença de um doido. Cautelosamente, tentei acalmá-lo.

— Tudo tem remédio neste mundo — ponderei — excepto a morte.

Viegas, passando por sôbre a minha objecção comezinha, acudiu, num desabafo:

— Estou perdido, irremediàvelmente perdido... O meu mal não tem remédio.

— Doença grave? — arrisquei.

Sorriu e respondeu:

— Pior.

— Morte de um ente querido?

— Pior... Pior do que tudo que possas imaginar.

Olhei-o, com estranheza.

— É que... — sussurrou, todo debruçado para mim — perdi a consciência.

Recuei um pouco, para furtar-me ao seu hálito desagradável. Não sei o que notava no Viegas, terceira encarnação do Viegas jovial dos bons tempos.

— Perdeste a consciência... — repeti, maquinalmente.

Esboçou um gesto vago da mão trémula e confidenciou:

— Vendi a consciência ao Diabo.

Soltei uma gargalhada. Mas logo o riso largo feneceu em meus lábios, transformando-se num sorrizinho amarelo, que mal disfarçava o meu embaraço. O Viegas fixara-me com um olhar a um tempo severo e magoado que me arrependi daquela gargalhada intempestiva.

— Já to disse — repisou êle, muito grave: — vendi a consciência ao Diabo. Parece inacreditável, mas é a pura verdade. Duvidas?... Ah!... Duvidas... Pois fica sabendo que a maioria dos homens faria outro tanto, se acaso o Demónio quisesse comprar-lha. Eu fui menos feliz do que êsses felizes desgraçados que não encontram, no Inferno, generoso comprador para suas consciências.

Calou-se. Ensaiei um esgar de concordância. Julgava começar a compreender: o Viegas, o traquina do colégio, que cavalgava o gradeamento da cêrca convencido de que montava um fogoso corcel de corridas; o Viegas, que eu imaginava um homem de senso prático, era, afinal, um filósofo.

Sorriu-me — um sorriso impregnado de amargura e pronunciou:

— Ainda não atingiste o meu drama. Isso que se diz, por dizer: «vendeu a alma ao Diabo» — é uma verdade concreta. Já aconteceu comigo, tem acontecido com muita gente, embora o Demónio nem sempre queira comprar tôdas as almas que se lhe oferecem, mesmo a baixa cotação, acredita.

— Sim, metafòricamente falando...

— Qual metáfora! — interrompeu, com severidade. — O meu caso é concreto, real, tangível. Falei com o Diabo pessoalmente, negoceei com êle, assinámos um pacto. Tratámos, tu cá, tu lá, tal como neste momento estou tratando contigo. O caso passou-se com uma simplicidade e uma naturalidade descon-

E, não sei porquê, julguei ver nessa sombra o vulto de Satanaz

certantes.

E, passando o braço por sôbre o mármore da mesa, segurou nervosamente a minha mão na sua mão húmida e fria, para me dizer em tom mais confidencial:

— Escuta. A minha desventura, a-pesar-de imensa, conta-se em breves palavras.

«Eu fui sempre um tipo irrequieto e vivo. Recordas-te de mim, lá na escola... Em adulto, estas qualidades (ou defeitos, se quiseres) acentuaram-se, criaram-me uma personalidade definida. Tinha um temperamento de lutador. Não havia obstáculo que não vencesse. Era impetuoso, tenaz, duro no combate. Havia, porém, uma coisa que me perdia — o coração.»

E batendo no peito, repetia:

— Era o coração. Êste pobre coração inutilizava-me tôdas as vitórias. Quando já tinha o adversário por terra, arquejando sob o meu joelho, e podia à vontade vibrar-lhe o golpe mortal — zás! — o sentimento, a piedade, o coração estragavam tudo. Perdia-me o sentimentalismo piegas.

«Eu tinha uma fábrica de tecidos. Herdei-a de meu pai. Comecei a produzir muito, barato e bom. Estava senhor do mercado. Com mais um golpe, só um, o último, o que já não exigia grande esfôrço, arremessaria para a ruína todos os meus concorrentes, que seriam forçados a abrir falência e ir vender cautelas. Tive dó dêles, senti remorsos antecipados, poupei-os. Resultado: fui eu quem resvalou na miséria, sofrendo o ódio dos adversários que poupei. Em vários outros negócios, me sucedera idêntico precalço.

«Revoltava-me contra mim mesmo. Quantas vezes me surpreendi a gritar: «Eu, um dia, deito os escrúpulos pela janela fora e vendo a consciência ao Diabo!»

«Certa vez, recomecei a luta com mais energia do que anteriormente. Fui ter com o Costa, um condiscípulo nosso, e expus-lhe a minha situação. O Costa, com uma confiança e uma amizade incomparáveis, entregou-me tôda a sua fortuna: setecentos contos. Ergui a fábrica das ruínas, refiz a minha vida, estava de novo a caminho do triunfo. Chegara o momento de restituir o dinheiro ao amigo. Mas uma ideia diabólica atravessou-me o espírito: se eu vendesse a consciência ao Diabo e ficasse com os setecentos contos? Era dinheiro! Mas não, um remorso antecipado já me fazia tremer dos pés à cabeça. Eu não podia pagar com tamanha vilania o favor que desinteressadamente o amigo me fizera.

— Pagaste ao rapaz...

O Viegas franziu o rosto numa careta que devia ser um sorriso.

— Escuta — pediu êle, em voz rouca. — Julgarás que te minto ou que estou louco. Falo-te a verdade, a pura verdade, crê. No dia em que saía de casa, para me dirigir à do amigo, com o livro de cheques no bôlso, na intenção de lhe pagar e o abraçar, um cavalheiro simpático, magro, elegante, daquelas figuras que nós julgamos já ter visto em qualquer parte, deteve-me suavemente por um braço, dizendo-me, num tom quási paternal:

— «Que loucura é essa? Onde vai você, com tanta pressa? Ainda não lhe serviu a experiência dos erros passados?»

— «Que deseja? Quem é o senhor?»

— «Receba-me, primeiro, durante uns instantes; depois lhe direi quem sou» — disse o homem, sorridente e amável

«Debaixo daquela delicadeza havia qualquer coisa de imperioso naquele estranho ente. Obedeci-lhe. Retrocedi e fi-lo entrar no meu gabinete de trabalho. Indiquei-lhe um «maple», ofereci-lhe da minha cigarreira e preguntei-lhe:

— «Posso saber agora quem tenho a honra de acolher em minha casa?»

— «Ora, essa... — acudiu êle, com certo alvorôço. — Julguei que já me tivesse reconhecido. Eu sou o Diabo.»

«Ri-me. Podia lá acreditar no Diabo, em carne e osso, na minha presença! Êle, porém, muito gentil, muito educado, ajuntou para me convencer:

— «Sou o Diabo, creia. Estou no segrêdo da sua consciência. Sei quanto tem sofrido por mor do seu sentimentalismo ingénuo. Agora mesmo ia você entregar os setecentos contos ao Costa. E ficava apenas com os míseros três ou quatro contos que nem lhe chegariam para pagar no sábado a féria aos seus operários. Você é que arranja as situações difíceis por suas próprias mãos.»

«E começou a enumerar, uma a uma, com pormenores que me assombravam, tôdas as minhas hesitações, todos os meus escrúpulos funestos, todos os meus desastres, que tinham por única origem a minha rectidão de carácter, a minha delicadeza de sentimentos, a minha excessiva piedade.

«Escutando-o atentamente, não deixava de considerar que só ao Diabo seria possível conhecer as minúcias daqueles factos, que guardava no fundo da minha consciência.

— «Ora — disse, por fim, o diabólico visitante — como você tem dito, por várias vezes, que não se importaria de vender a consciência ao Diabo, aqui me tem para lha comprar.»

«Fiquei embaraçado. A despeito da minha longa prática de negócios, preguntava a mim mesmo como seria possível vender a consciência ao Diabo.

«Êste, porém, adivinhando-me o pensamento, veio em meu auxílio, esclarecendo:

— «Para negociar comigo, uma coisa basta — e você possui-a: palavra, palavra de rei, que não volte atrás. Eu sou escravo da minha palavra, e exijo de quem trate comigo igual honestidade.»

— «Fui sempre fiel cumpridor da minha palavra» — disse eu, com orgulho.

— «Já o sabia — acudiu o Demónio. — Se não o soubesse, não me encontraria aqui na sua presença, disposto a fazer consigo um negócio honesto, leal, equitativo.»

— «E que me daria você em troca da cosnciência?» — preguntei, sem poder refrear por mais tempo a minha curiosidade.

«Na face do visitante desenhou-se uma expressão grave.»

— «Tôdas as facilidades na vida, todos os meios de realizar as suas mais gratas ambições» — respondeu, em tom convincente.

«Quedei apreensivo e silencioso.»

— «Aceita?» — inquiriu êle, notando que o meu mutismo se prolongava demasiado.

— «E que devo fazer para aceitar?» — preguntei, ainda ligeiramente apreensivo.

— «Pouca coisa: dizer-me apenas que aceita. E um franco apêrto de mão bastará para selar o nosso pacto.»

«Fiquei um momento hesitante. O contrato era tão simples, tão leal, tão fácil!

«Na minha frente estava uma mão ossuda e longa. Oh! Foi um segundo, só um segundo de tentação. Num ímpeto, apertei aquela mão e bradei: «Aceito!»

O Viegas tremia, ao evocar esta cena. Eu sentia um calafrio a percorrer-me o dorso. Foi com voz estrangulada pela comoção que preguntei:

— E depois?

— Depois — pronunciou o Viegas sumidamente — o Diabo cumpriu a sua palavra. Já nesse mesmo dia não entreguei os setecentos contos ao Costa. Houve um processo, chicana, discussões azêdas, o demónio! Comprei testemunhas, viciei a escrita, falsifiquei documentos. E o Costa acabou por ir malhar com os ossos na cadeia, por burlão. O seu lar desmantelou-se. As filhas desnortearam, a mulher... a mulher era aquela de casaco de peles com quem me viste a entrar na «Marques». Perdi os escrúpulos. Arruinei os meus concorrentes, que me amaldiçoam. Reduzi as férias aos operários, transformando a fábrica num presídio. A coberto da Lei, tenho cometido tôda a casta de vilanias. Estou pôdre de rico, não dou uma esmola, não auxílio uma instituição de beneficência. Abri por tôda a cidade novas casas de penhores e exploro implacàvelmente a miséria. Possuo prédios, muitos prédios e exijo rendas pesadas. Quem não pode pagar — rua! No meu coração secou a fonte da piedade. Não tenho dó de ninguém! Sou um monstro de sorte... E sou um desgraçado...

O Viegas chorava, ao proferir estas palavras.

— Porque não rescindes o contrato? — preguntei, na esperança de lhe sugerir um meio de salvação.

— Quem me dera... — murmurou êle, comovidamente. — Se soubesses que saüdades tenho do meu sentimentalismo! Criava-me embaraços, é certo; os meus rivais, outros que tinham pactos com o Diabo, riam-se da minha lealdade, da minha pieguice. Mas tinha nesse tempo o que já não posso readquirir: uma consciência sã. Era a paz, o sossêgo do espírito, a alma sem remorsos. Agora, que vendi para sempre a consciência ao Diabo, agora que tôda a gente me inveja como um triunfador, não passo de um vencido. Onde estava dantes a consciência, está hoje remorso, só o remorso torturante e sem remissão.

— Dá ao Diabo tudo o que êle te deu! — exclamei. — Talvez assim obtenhas de novo a tua consciência...

Encolheu os ombros, desalentado. Estendeu-me a dextra em silêncio e saíu, trôpego e cabisbaixo.

Cheio de curiosidade, corri à porta do «café» para o ver seguir, com seu ar de vencido, rua abaixo. Lá fora, o sol encharcava tudo de luz. O Viegas caminhava devagar, projectando no passeio uma sombra muito negra e movediça. Era uma sombra que nunca o abandonava, persistente, teimosa, aflitivamente teimosa. E não sei porquê julguei ver nessa sombra o vulto de Satanaz.

Mas todos os transeuntes projectavam a mesma sombra satânica. E eu próprio, ao trilhar, vagaroso, a rua, em sentido oposto ao de Viegas — êle ia para cima, eu para baixo, como sempre — levava na minha frente uma sombra impalpável e sinistra.

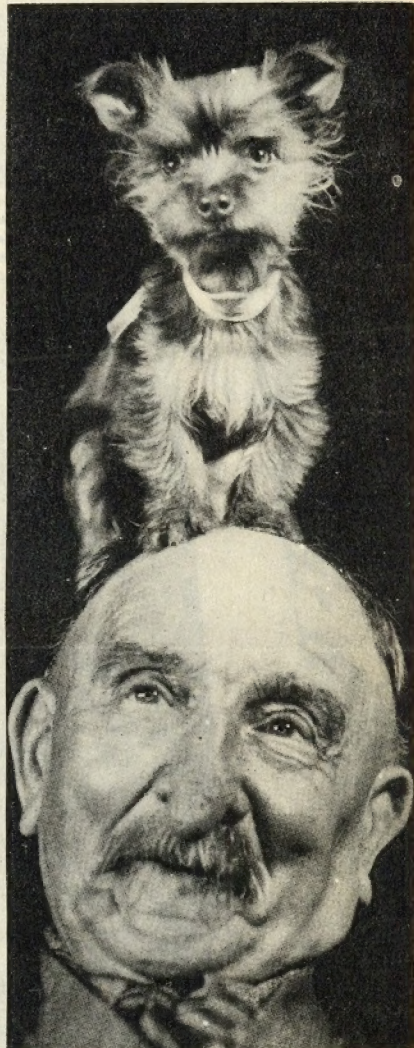
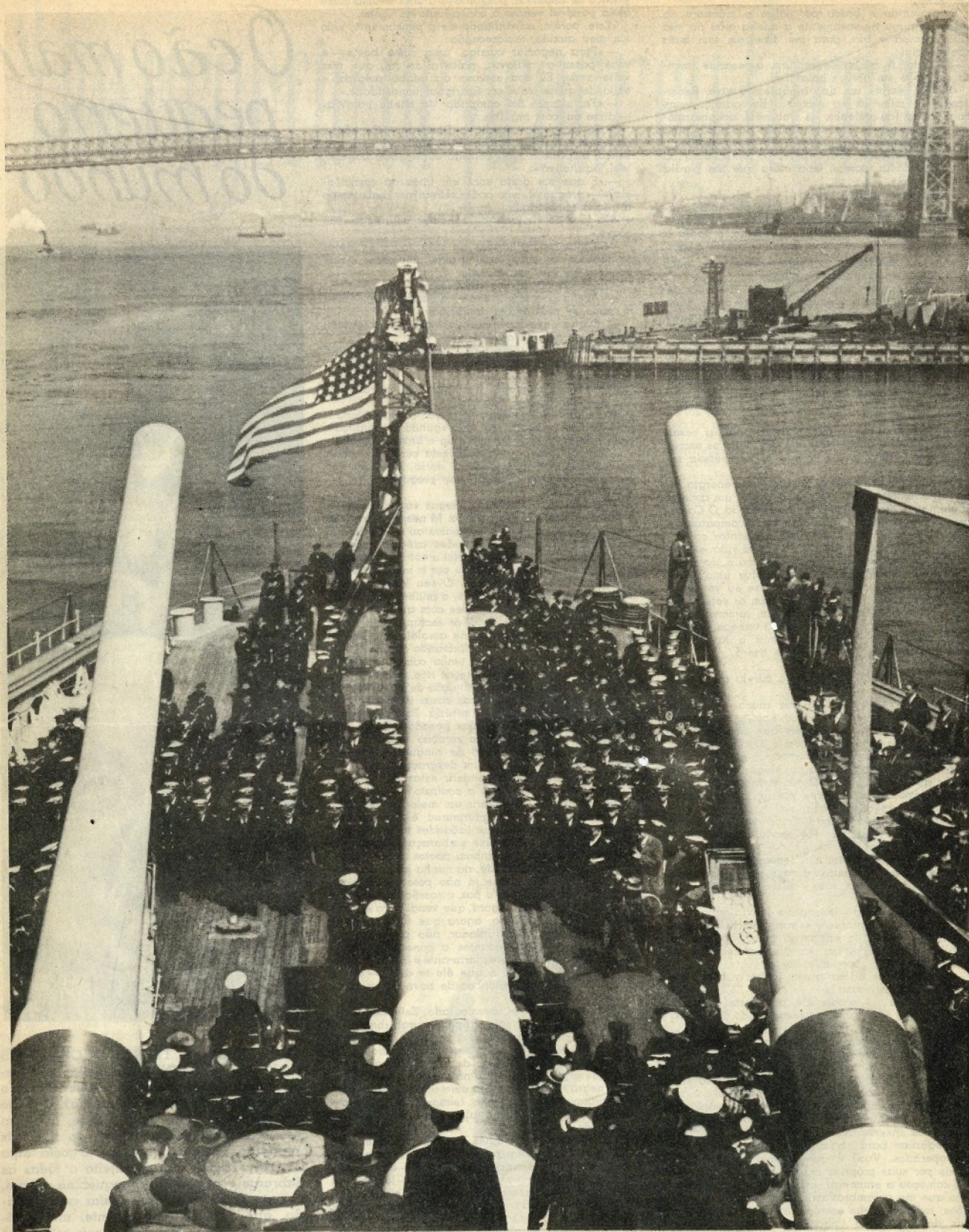
Convenci-me então de que junto de cada mortal paira sempre a sombra do Diabo, pronta a materializar-se, para entrar connosco em negócio — um negócio muito leal, muito recto, em que não há subtilezas, nem subterfúgios. Um negócio de pagar ou largar..

MÁRIO DOMINGUES.

NO PRÓXIMO NÚMERO:

MÁRIO, O SORRIDENTE

UMA NOVELA POR CRISTIANO LIMA

O cão mais pequeno do mundo

«TINY TRIXIE» É TALVEZ O CÃO MAIS PEQUENO DO MUNDO. Vêmo-lo aqui encarrapitado sôbre a cabeça do seu dono, o sr. Christison, de Bexley (Austrália). O bicho está em pé e, como pode ver-se, não tem mais altura do que a cabeça do seu feliz proprietário. Êste, ao que parece, gosta tanto do «Tiny Trixie» que se sujeita a tôdas as diabruras e cabriolas do pequenino animal, a ponto de se deixar fotografar nesta posição, que não é, positivamente, muito cómoda... O «Tiny Trixie» tem seis mêses de idade e atingiu já, ao que parece, o seu pleno desenvolvimento. Mede de altura 20 centímetros e pesa — com o lacinho ao pescoço... — menos de dois quilos. É o que se pode chamar um verdadeiro cão portátil, próprio para trazer pendurado no dedo por um cordel, à laia de pacote de compras... Quantas das nossas leitoras não desejariam possuir um bichinho assim, quanto mais não fôsse para o perderem na rua!...

No cruzador «North Carolina», a oficialidade e os marinheiros reünem-se para ouvir a voz do almirante-chefe. Sob os grandes canhões de 16 polegadas, os herdeiros de nobres tradições navais preparam-se para a defesa das linhas vitais de comunicação da América, das nações do hemisfério ocidental. O programa de rearmamento acelera-se. Em breve vai surgir a maior esquadra de todos os tempos. Os Estados Unidos estão vigilantes...